XXI ANNO PORTO, 15 DE MARÇO DE 1899 NUMERO 6

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo comprehendam...»
AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

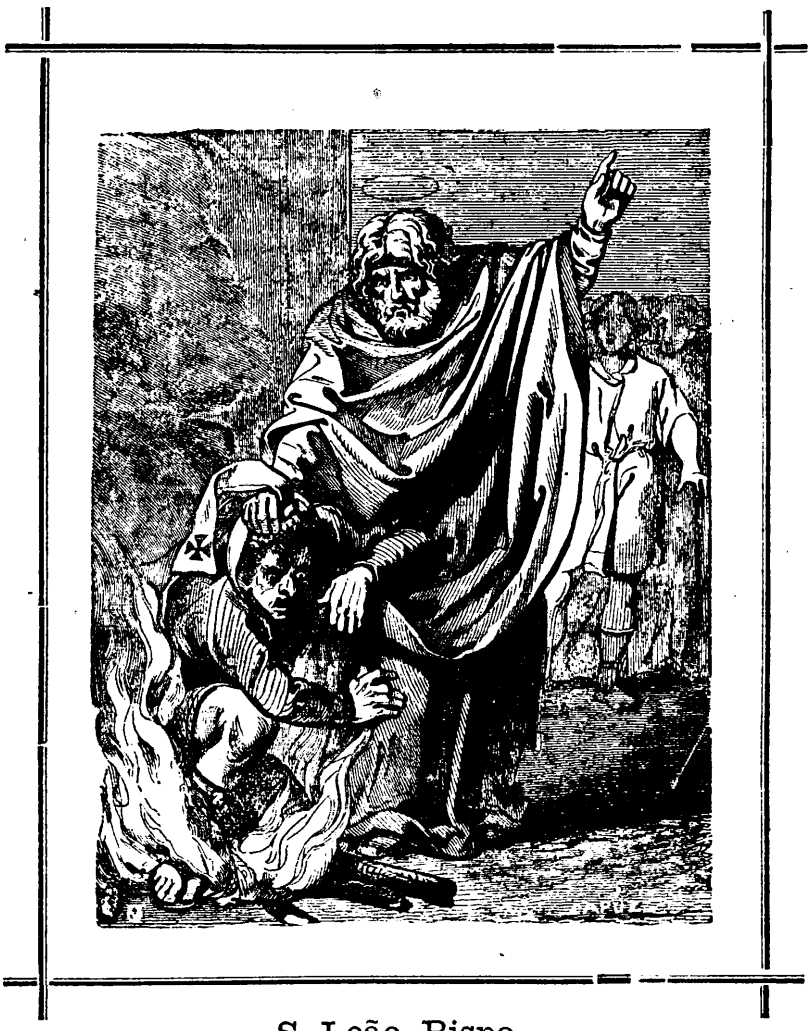
«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum ad destinatum persequor, ad bravium triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.»
AD PHILIP. 13, 14.

Editor e administrador, JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA—Redactor, A. PEIXOTO DOAMARAL

Typ. de J. F. da Fonseca—Picaria, 74

SUMMARIO:—*Carta de S. Santidade Leão XIII, a S. Em.ª o Cardeal Gibbons*—Secção Doutrinal: *A questão do ensino religioso,* pelo ex.mo snr. A. Peixoto do Amaral.—*Bustello,* pelo Rev. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Biblia,* pelo Ex.mo Snr. Alves d'Almeida.—Secção Litteraria: *O Christianismo não morre,* pelo ex.mo snr. A. Moreira Bello; *Milicia Christã, 2.ª parte,* pelo rev. dr. José Rodrigues Cosgaya.—Secção Illustrada: *S. Leão, Bispo; Daniel defendendo Suzanna*—Necrologio—Secção Bibliographica—Retrospecto.

Gravuras: *S. Leão, Bispo; Daniel defendendo Suzanna.*



S. Leão, Bispo

CARTA

DE

S. Santidade Leão XIII, Papa pela Divina Providencia

A S. Em.ª o Cardeal Gibbons

—*—

Ao Nosso caro filho Jacques Gibbons, cardeal da Santa Egreja Romana, do titulo de Santa Maria do Transturese, Arcebispo de Baltimore.

Leão XIII, Papa.

Caro filho, saude e benção apostolica.

E' como testemunho de benevolencia que Nós vos dirigimos esta carta, de essa benevolencia que durante todo o curso do Nosso pontificado, não temos cessado de professar a vosso respeito, assim como aos bispos vossos collegas e de todo o povo americano. Temos, com effeito, aproveitado com prazer todas as occasiões para a testemunhar, quer a proposito do feliz desenvolvimento da vossa Egreja, quer a proposito do modo habil e recto com que vós haveis salvaguardado e posto em boa situação os interesses catholicos. Além d'isso succede-Nos muitas vezes deter a nossa vista com admiração sobre o feliz caracter da vossa nação, cujo espirito esclarecido está sempre prompto para as grandes cousas e apto a obter os resultados que realçam a civilisação humana e o esplendor do Estado.

Ainda que esta carta não tenha por objecto, n'este momento, confirmar os louvores que temos muitas vezes concedido, mas antes indicar certos escolhos a evitar e certas correcções a fazer, todavia, como o sentimento que Nos levou a escrever não é outro senão a mesma benevolencia apostolica que sempre temos sentido por vós e que temos muitas vezes exprimido, esperamos com justiça que a considereis como egual prova da Nossa affeição, tanto mais que ella é especialmente destinada a extinguir certas discussões que, nascidas recentemente no meio de vós, causam, não em todos os espiritos, mas pelo menos em grande numero, uma perturbação não mediocre em detrimento da paz.

Não ignorais, caro Filho, que o livro ácerca da vida de *Isaac Thomaz Hecker*, sobretudo, pelo facto d'aqelles que emprehenderam edital-o ou traduzil-o n'uma lingua extrangeira, occasionou vivas controversias, no ponto da introducção de certas opiniões ácerca da vida christã. Eis porque, com o fim de prover á integridade da Fé, segundo os deveres do Nosso apostolado supremo, e de garantir a segurança dos fieis, Nós queremos falar-vos d'esse assumpto com algum desenvolvimento.

As novas opiniões de que falamos repousam pouco mais ou menos sobre o principio de que, a fim de attrahir á doutrina catholica aquelles que d'ella estão separados, a Egreja deve adaptar-se, n'uma medida mais pronunciada, á civilisação d'uma epocha amadurecida, e, affrouxando a sua antiga severidade, fazer concessões ás tendencias e aos principios novamente introduzidos entre as nações. E isto deve estender-se, como pensam muitos, não sómente ás regras da vida, mas ainda ás doutrinas, nas quaes está contido *o deposito de Fé*. Elles sustentam que é opportuno, a fim de melhor attrahir os dissidentes, deixar na sombra certos elementos de doutrina, como sendo de menor importancia, ou de os attenuar de tal sorte que elles não conservem mais o sentido approvado constantemente pela Egreja.

Ora, caro Filho, para mostrar que se deve desapprovar essa opinião, não é necessario longas explicações. Basta reportar-Nos á regra e á origem da doutrina que a Egreja nos transmitte. A questão presente applica-se á decisão do Concilio do Vaticano:

«... Com effeito, a doutrina da fé, que Deus revelou, não é, á semelhança d'uma concepção philosophica, proposta ás intelligencias humanas como uma coisa perfectivel, mas como um deposito divino confiado á Esposa de Christo para o guardar fielmente e interpretal-o infallivelmente... O sentido dos dogmas sagrados, uma vez declarados pela nossa santa mãe a Egreja, deve ser perpetuamente conservado, e é necessario não se desviar d'elle sob pretexto de o entender d'uma maneira mais profunda.» *(Const. de Fide cath.*, c. IV.)

Quanto a esse silencio com que se queria, de proposito, cobrir certos principios da doutrina catholica e rodeal-os como da obscuridade do esquecimento, não se deve consideral-o como inteiramente isento de censuras. Com effeito, todas as verdades que a crença christã contém tem um unico e mesmo auctor e mestre: *o Filho unico que está no seio de seu Pae* (Joan. I, 18.) Que essas verdades são propostas a todas as epocas e a todas as nações é o que resulta claramente das palavras dirigidas por Jesus Christo aos seus apostolos:

«Ide e ensinae todas as nações... ensinando-lhes a observar tudo o que eu vos ordenei, e eis que eu sou comvosco até á consummação dos seculos.» (Math., XXVIII, 19.) Eis porque o mesmo Concilio do Vaticano se exprimiu assim:

«Pela fé divina e catholica é preciso crer tudo o que está contido na palavra de Deus escripta ou transmittida e o que é proposto á crença pela Egreja, quer por uma decisão solemne, quer pelo Magisterio ordinario e universal, como divinamente revelado.» *Const. de Fide cath.*, c. III.) Que se abstenham, portanto, de supprimir seja o que fôr da doutrina divinamente transmittida, ou de propositadamente passar uma parte em silencio. O que assim proceder procurará antes separar os catholicos da Egreja do que attrahir a Ella os que estão separados. Que voltem, é o Nosso mais querido desejo, que voltem todos, quaesquer que sejam os que erram longe do aprisco de Christo, mas não por outro caminho que não seja aquelle que o proprio Christo mostrou.

Quanto á regra de vida que é dada aos catholicos, ella é de natureza a comportar todas as especies de temperamento em razão dos tempos e dos logares. E' certo que a Egreja, pela inspiração do seu auctor, possue um caracter clemente e misericordioso. E' por isso que, desde a sua origem, se mostra voluntariamente tal como o proprio apostolo S. Paulo se proclamava: «Fiz-me tudo para todos, para salvar o mundo.» (I Cor. IX. 22.)

A historia de todos os seculos passados testemunha que esta Sé Apostolica, á qual foi attribuida, não sómente a magistratura mas ainda a direcção suprema de toda a Egreja, se tem conservado sempre ligada, d'uma maneira constante *ao mesmo dogma ao mesmo sentido, e á mesma opinião.* (Con. Vatic. *Ibid, c IV*): mas que, por outro lado, no que diz respeito á regra da vida, ella tem por costume temperal-a de tal forma que sendo salvos os direitos de Deus, se tomasse sempre em conta os costumes e a constituição das nações tão diversas que ella cinge. Quem duvida que ella o faça ainda agora, se a salvação das almas o pede?

Todavia, esses casos não devem ser determinados pelo criterio dos homens privados, que se deixam muitas vezes enganar pela apparencia do bem. E' necessario que isso seja reservado ao juizo da Egreja. E' sobre este ultimo que devem appoiar-se todos aquelles que desejam evitar a censura do Nosso predecessor Pio VI, que *declarou* «injuriosa para a Egreja e para o espirito de Deus que a rege» a 78.ª proposição do concilio de Pistoia, «no que ella submette ao exame a disciplina estabelecida e approvada pela Egreja, como se a Egreja podesse estabelecer uma disciplina inutil e muito pesada para que a liberdade christã a podesse supportar.»

Na questão que tratamos, caro Filho, ha uma coisa mais perigosa, mais prejudicial á doutrina e á disciplina catholica: é a opinião professada pelos partidarios d'essas novidades, que é preciso introduzir uma certa liberdade na Egreja, de modo que, encontrando-se a força e a vigilancia do poder restringidos d'uma certa forma, seja permittido aos fieis alargar-se, numa mais larga medida, á sua propria inspiração e á sua virtude activa. Affirmam que essa liberdade tornou-se necessaria, a exemplo d'essa outra liberdade que, recentemente introduzida, constitue communmente, na hora actual, o direito e o fundamento da sociedade civil. Tratámos já largamente d'esta ultima na Carta que dirigimos a todos os bispos ácerca da constituição dos Estados. Ahi mesmo demonstrámos a differença que existe entre a Egreja, que é de direito divino, e todas as outras associações que devem o seu desenvolvimento á livre vontade dos homens.

Importa, portanto, assignalar uma certa opinião que é allegada como argumento por aquelles que quereriam ver essa liberdade entre os catholicos. Dizem elles, com effeito, que não ha actualmente razão para se estar inquieto pelo infallivel magisterio do Pontifice romano, depois da solemne proclamação que d'elle foi feito no concilio do Vaticano, e que, por essa razão, estando esse dogma em segurança, um mais vasto campo pode ser aberto ao pensamento e á acção de cada homem. Pode-se muito bem inverter o argumento. Se ha, com effeito, qualquer coisa a concluir do magisterio infallivel da Egreja é essa verdade, de cujo ensinamento ninguem deve procurar desviar-se e a que todos se devem submetter para se impregnar de verdades e approveitar-se dos principios de acção, de forma a conservar-se mais facilmente indemne de todo o erro privado.

Accrescentaremos que aquelles que assim raciocinam se desviam completamente do sabio plano da Providencia, que, por isso mesmo que quiz fazer affirmar por uma sentença das mais solemnes a auctoridade e a magistratura da Sé apostolica, quiz precisamente procurar, nos perigos do tempo presente, uma garantia mais efficaz ás intelligencias catholicas. A licença, confundida um pouco com a liberdade, a paixão de tudo dizer e de tudo contraditar emfim a permissão de tudo pensar e de traduzir todo o pensamento pelos escriptos, teem espalhado sobre os espiritos trevas tão profundas, que a utilidade e a necessidade do magisterio, a fim de reter os fieis nos limites do dever e da consciencia, tornaram se maiores do que precedentemente.

Longe de Nós, decerto, o pensamento de tudo repudiar entre as cousas que produz o genio

proprio d'esta epocha. Pelo contrario, é com real prazer que vêmos os progressos realisados na investigação do verdadeiro e na pratica do bem virem juntar-se ao patrimonio da sciencia para o enriquecer, assim como os meios de realisar a prosperidade publica. Tudo isto, comtudo, se se quer que a sua utilidade seja seria, não pode realmente existir e prosperar se não se tive em conta a auctoridade e a sabedoria da Egreja.

E' necessario tratar agora das consequencias que se deduzem, de alguma fórma, das opiniões que temos assignalado e das quaes, se não ha má intenção, como Nós cremos, as asserções tomadas em si mesmas parecem não poder, de forma nenhuma, escapar a suspeitas. Rejeita-se em primei o logar, para aquelles que querem elevar-se pa a a perfeição christã, o magisterio externo omo superfluo, e mesmo como incommodo.

O Espirito Santo, dizem elles, espalha, mais amplamente e mais abundantemente que outr'ora, os seus dons nas almas dos fieis; instrue-os e impelle-os sem intermediario, por uma especie de instincto secreto. Não é, decerto, uma temeridade pouco grave querer calcular o modo segundo o qual Deus se communica com os homens. Esse modo depende com effeito unicamente da sua vontade, e elle proprio é o dispensador soberanamente livre de seus dons. «O Espirito sopra onde quer.» (*S. João III, 8.*) «A graça é dada a cada um de nós segundo a medida de munificencia de Christo» (*Eph. IV 7,*) Quem, portanto, reportando-se á historia dos Apostolos, á fé da primeira Egreja, ás luctas e ás supplicas dos mais valentes martyres, á maior parte, emfim, d'essas epocas antigas, tão fecundas em santos, ousará comparar os primeiros seculos com a nossa epoca, e affirmar que aquellas eram menos favorecidas por effusões do Espirito Santo?

Mas, posto isto de parte, não ha ninguem que duvide que o Espirito Santo opera por uma intervenção secreta nas almas dos justos, e que as excita, quer por advertencias, quer por seus impulsos. Sem isto, todos os soccorros ao magisterio exterior seriam inuteis. «Se alguem... affirma que póde adherir á predica da salvação, isto é, á predica evangelica, e isso sem a illuminação do Espirito, que dá a todos uma graça suave para os fazer adherir e crer na verdade, elle é enganado pelo espirito da heresia.» (*Conc.* Araisic. II, cap. VII.) Mas, como Nós o sabemos por experiencia, essas advertencias e esses impulsos do Espirito Santo sentem-se a maior parte do tempo, pelo soccorro e como para a preparação d'um magisterio exterior.

«Aquelle disse a este respeito Santo Agostinho, coope a na producção do fructo das boas arvores que no exterior, orvalha e cultiva por um intermediario qualquer produzido pela sua acção pessoal, o crescimento interior do fructo.» (*De Grata Christ.* c. XIX.)

Isto succede, definitivamente, á lei commum, pela qual um Deus muito previdente, da mesma forma que decretou que os homens deveriam geralmente ser salvos pelo ministerio de outros homens, egualmente decidiu que aquelle que Elle chama a um grau superior de Santidade, devia ser alli conduzido pelo homem «de sorte que, como dizia S. João Chrysostomo, nos vejamos instruidos por Deus no meio dos homens». (*Hom. I. In inser. altar*). Um illustre exemplo d'isso é nos offerecido mesmo ao pé da Egreja. Posto que Saulo, «respirando a ameaça e a crueldade (*Act. Ap IX, 1.*) tivesse ouvido a voz de Jesus Christo: «Senhor que quereis que eu faça?» foi-lhe tudo enviado a Damasco a casa de Ananias. «Entra na verdade e lá te dirão o que necessitas fazer.»

A esses motivos accrescentam-se o facto d'aquelles que tendem á perfeição, por isso mesmo que entram n'uma via onde não se internam a maior parte dos homens. estão mais expostos ao erro do que os outros, e por consequencia teem mais necessidade d'um mestre e d'um guia. Esta maneira de actuar foi sempre mantida na Egreja, e essa doutrina foi unanimente professada por todos aquelles que no curso do seculo se teem salientado em sabedoria ou em santidade. Os que repellem tal opinião não o poderiam fazer decerto sem temeridade e sem perigo.

Comtudo, se se examinar a fundo esse assumpto, supprimido que seja todo o guia exterior, é difficil ver para qual fim deve tender, no pensamento dos innovadores, essa facunda inspiração do Espirito Santo que elles exaltam a tal ponto. Certamente, sobretudo quando se trata da pratica das virtudes, o soccorro do Espirito Santo é completamente necessario. Mas os homens que se proclamam partidarios de innovações exaltam excessivamente as virtudes naturaes, como se ellas correspondessem aos costumes e ás necessidades do seculo presente, e como se podessem preferil-as ás outras, porque ellas nos dispõem melhor á acção e nos tornam mais energicos.

E' difficil de comprehender como homens penetrados de sabedoria christã, possam preferir as virtudes naturaes ás virtudes sobrenaturaes, e attribuir-lhes uma efficacia e uma fecundidade superiores.

A natureza, com o appoio da graça, seria portanto mais debil do que se fosse abandonada as suas proprias forças?

Pois os homens santos que a Egreja honra e aos quaes Ella presta um culto publico, mostraram-se fracos e insensatos na ordem natural porque se excedam nas virtudes christãs? Além d'isso, posto que Nos seja dado algumas vezes admirar os actos resplandecentes da virtude natural, quão pouco numerosos são os homens que possuem essas virtudes *habitualmente* e em abundancia. Quem não é presa d'essas paixões, e muito violentas?

Para os admirar de uma maneira constante, como tambem para se confirmar sempre e perfeitamente com a lei natural, o homem tem necessidade de ser ajudado pelo soccorro divino. E quanto aos actos isolados aos quaes Nós temos feito allusão anteriormente, muitas vezes, se são examinados mais a fundo, offerecem a apparencia da virtude antes que se encontre n'elles a propria virtude.

Mas concedemos que esta seja real; se senão quer *correr em vão* e esquecer a felicidade eterna á qual a bondade de Deus nos destina, teem as virtudes naturaes uma utilidade qualquer, sem a riqueza e a força que lhe dá a graça? S. Agostinho disse com razão: «As forças são grandes e a corrente rapida, mas o corredor agita-se fóra do caminho fixado.» (*In. Ps. XXXI. 4.*)

Com effeito, do mesmo modo que a natureza humana, que por causa da falta commum foi excitada ao vicio e á infamia, se acha relevada, revestida de uma nova nobreza e fortificada pelo auxilio da graça, assim as virtudes que se apoiam não somente sobre a natureza, mas tambem sobre esse mesmo auxilio da graça, tornam-se penhores fecundos e duraveis da eterna felicidade: ellas são mais efficazes e mais solidas.

A essa opinião sobre as virtudes naturaes e sobrenaturaes se liga estreitamente uma outra, pela qual todas as virtudes christãs são por assim dizer divididas em duas classes: em *passivas*, como se diz, e em *activas*. Accrescente-se que as primeiras convinham mais aos seculos passados e que as segundas são mais conformes ao tempo actual.

O que é necessario pensar d'essa divisão de virtudes é evidente, porque uma virtude que fosse realmente passiva não existe, nem póde existir. «A palavra virtude, diz S. Thomaz, designa uma certa perfeição da vontade, e um acto de virtude é apenas um bom emprego de livre arbitrio» (I.° II á. 1.); feito com o apoio da graça de Deus, se é um acto de virtude sobrenatural.

Que as virtudes christãs sejam adaptadas umas a uma epoca, outras a outro tempo, é o que pretenderá sómente aquelle que se tiver esquecido as palavras do Apostolo: «Os que Deus conheceu pela sua presciencia; Elle os tem tambem predestinado a tornarem se conformes á imagem do seu Filho.» (*Rom.* VIII, 29.) O possuidor e o modelo de toda a santidade é Christo; é necessario que com a sua regra se conformem todos os que desejem entrar na moradia dos bemaventurados.

Ora Christo não muda no curso dos seculos; mas «Elle é o mesmo hoje que era hontem e que será em todos os seculos». (Hebr. XIII. 8). E' portanto aos homens de todos os seculos que se dirigem estas palavras: Aprendei de mim que sou manso e humilde do coração.» (Math., XI, 20) Em todo o tempo Christo se mostra a nós como «tendo-se feito obediente até á morte». (Philip. II, 3.)

Tambem em todo o tempo permanece verdadeira a palavra do Apostolo: «Os que são discipulos de Christo crucificaram a sua carne com seus vicios e suas concupiscencias.» (Galat V, 24) Praza a Deus que um maior numero de homens cultivem agora essas virtudes, como o fizeram os santos dos seculos passados. Aquelles, graças a sua humildade, a sua obediencia, a sua frugalidade, foram «poderosos em obras e em palavras», e prestaram os maiores serviços não sómente á religião mas ainda ao seu paiz e á sociedade.

Esse desprezo das virtudes evangelicas, chamadas sem razão passivas, devia ter uma consequencia natural: o desdem pela vida religiosa espalhar se pouco a pouco nas almas.

E' essa uma opinião commum entre os pratidarios das novas doutrinas, a julgal-os pelo que se tem dito com respeito aos votos que as ordens religiosas fazem.

Dizem elles, com effeito, que essas promessas são completamente contrarias ao caracter da nossa epoca, pois que restringem os limites da liberdade humana; que são mais apropriadas ás almas fracas do que ás fortes, e que, longe de contribuir para a perfeição humana e para o bem da humanidade, prejudicam uma e outra e impedem os seus progressos.

A falsidade d'estas asserções resalta com evidencia do uso e da doutrina da Egreja, que sempre approvou abertamente a vida religiosa. E não o faz sem razão, decerto, porque os homens que, chamados por Deus, abraçam essa vida por sua inteira vontade, e que, não contentes em seguir os preceitos e cumprir os deveres communs, entram no caminho dos conselhos evangelicos, esses homens mostram se soldados activos e dedicados de Christo. Podemos acreditar que isso é proprio das almas debeis? ou que é uma medida inutil prejudicial á perfeição da vida? Aquelles que se ligam d'esse modo pelos votos religiosos estão longe de perder a sua liberdade, pois gosam d'um liberdade muito mais completa e mais elevada, d'aquella «pela qual Christo os tornou livres». (Galat. IV, 31.)

A asserção de que a vida religiosa poucos serviços presta á Egreja, além de ser uma prova de hostilidade para com as ordens religiosas, não será decerto approvada por nenhum d'aquelles que tenham lido os annaes da Egreja.

Os vossos Estados Unidos não deveram a origem da sua fé e da sua civilisação aos filhos de familias religiosas? Vós resolvestes ha pouco ainda erigir uma estatua a um d'elles, o que representa todo o vosso elogio.

Na nossa propria epoca, que serviços dedicados e fecundos as ordens religiosas, em toda parte onde se encontram, prestam ao catholicismo! Quantos não trabalham para fazer penetrar o Evangelho em novas regiões, para alargar as fronteiras da civilisação, graças aos maiores esforços e aos maiores perigos! Não menos que o clero secular, ellas são entre o povo christão os arautos da palavra de Deus, os guias e os mestres da juventude, e para toda a Egreja um exemplo de santidade.

Os mesmos elogios devem ser concedidos

aos que levam uma vida activa e aos que, dominados pela solidão, se entregam á prece, e á mortificação. Quanto aos serviços que estes ultimos teem prestado e prestam ao genero humano, ninguem os desconhece decerto entre os homens que não ignoram quanto «a prece que acompanha o justo» (Jac. V 16) é poderosa, sobretudo quando elle é ligada á mortificação, para abrandar e tocar a potencia de Deus. Se alguns homens, comtudo, preferem reunir-se sem se ligarem por qualquer voto, que o façam. Isso não será novo na Egreja, nem uma conducta censuravel. Que elles tomem sentido, comtudo, em não exaltar esse regimen, como preferivel ao das ordens religiosas. Ao contrario, sendo o genero humano mais inclinado aos prazeres do que ao bem, é necessario estimar mais aquelles que, «tendo deixado tudo, seguiram Christo».

Emfim, para não Nos alargarmos mais, affirma-se que é necessario abandonar o caminho e o methodo seguidos até agora pelos catholicos, para trazer á fé os dissidentes, e que outros meios devem para o futuro serem empregados. Sobre este ponto, basta-Nos lembrar, Nosso caro Filho, que a prudencia prohibe renunciar a um systema que a sua antiguidade e a sua longa experiencia recommendam, e que foi indicado pelos proprios ensinamentos apostolicos.

A palavra de Deus (Eccli. XVIII 4) ensina-Nos que todo o homem tem o dever de trabalhar para a salvação dos seus semelhantes, segundo a sua condição. Os fieis desempenharão com muito fructo essa obrigação que lhes é imposta por Deus, se são de costumes puros, se se entregam a obras de caridade christã se dirigem a Deus preces ardentes e assiduas. Mas é necessario que os membros do clero, para cumprir esse dever, preguem o Evangelho com prudencia, realisando as ceremonias sagradas com gravidade e com brilho, e sobretudo reproduzindo em si mesmo esse modo de ensino que o Apostolo fez conhecer a Tito e a Timotheo.

Se entre as diversas maneiras de annunciar a palavra de Deus, se julga preferivel a que consiste em prégar aos dissidentes, não nos templos, mas em qualquer local privado e honesto, não discutindo com elles, mas conversando d'um modo amigavel, é isso um processo que não dá logar a nenhuma critica, contanto que a auctoridade dos bispos designe para esse ministerio padres que tenham provado anteriormente sciencia e virtude.

Pensamos, effectivamente, que existe entre vós um grande numero de homens que estão desviados da fé catholica mais por ignorancia que por vontade raciocinada; será facil conduzil-os ao unico rebanho de Christo propondo-lhes a verdade no decurso d'uma conversa amigavel e familiar.

Do que temos dito, Nosso caro Filho, resulta que não podemos approvar essas opiniões, cujo conjuncto é designado muitas vezes sob a palavra *americanismo*. Se por essa palavra se quer entender certas qualidades intellectuaes que distinguem os povos da America, assim como outras são especiaes d'outras nações, do mesmo modo que esse termo se applica á constituição dos vossos Estados, ás vossas leis e aos vossos costumes, de certo que não ha nisso razão, para que Nós julgassemos que esse nome deve ser rejeitado.

Mas se elle deve ser empregado não sómente para designar, mas ainda para realçar as doutrinas acima expostas, não é fóra de duvida que os Nossos veneraveis irmãos os bispos da America, antes que todos os outros, o repudiarão e o condemnarão como muito injurioso para elles mesmos e para a sua nação inteira? Esse termo fazia suppôr, com effeito, que haveria entre vós homens que representariam a Egreja d'America como differente da Egreja universal, e que desejariam que ella assim fosse.

A Egreja é uma, graças á unidade da sua doutrina, e á unidade do seu regimen: ella é catholica, e visto que Deus decidiu que tivesse por centro e por baze a cadeira do bemaventurado Pedro, é essa a razão por que se chama romana. Effectivamente «onde está Pedro, lá tambem está a Egreja» (S. Ambr. in Ps. XI, 57.) Assim, quem quizer ser considerado como catholico deve realmente pôr em pratica as palavras de S. Jeronymo ao Pontifice Damaso: «Não seguindo nenhum outro chefe senão Christo, estou em communhão com Vossa Santidade, isto é, com a cadeira de Pedro. Sei, com effeito que sobre essa pedra foi edificada a Egreja; aquelle que não amontoa comnosco, dissipa.»

Estas instrucções que damos, Nosso caro Filho, por uma carta especial, segundo o dever do Nosso ministerio, serão communicadas aos outros bispos dos Estados-Unidos. Damos assim um novo testemunho de affeição de que rodeamos a vossa nação inteira. Da mesma forma que nos seculos passados ella bem mereceu da religião, assim ella é chamada a prestar-lhe no futuro serviços maiores ainda e mais numerosos, com o feliz auxilio de Deus.

Como penhor de graças divinas concedemos muito affectuosamente a Benção apostolica a vós, ao clero e a todos os fieis de America.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, aos 22 de janeiro de 1899, vigesimo primeiro anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII PAPA.

SECÇÃO DOUTRINAL

A QUESTÃO DO ENSINO RELIGIOSO

EXCEDE as raias do verosimil, tudo quanto temos visto e ouvido, ácerca d esta importante questão.

Começaram os alumnos das escolas, que não teem voto em assumptos publicos, que, na sua grande maioria, nem senhores seus são, que não são chefes de familia, nem são cidadãos do paiz, porque nem são eleitores sequer. E começaram, por maior infelicidade sua, a não saberem o que diziam, porque fallaram ácerca de coisas que nem conhecem, nem desejam sequer ao menos apprender. Qualquer alumno d'uma escola religiosa que aprendeu o cathecismo, sabe mais de dogmas e das verdades da nossa fé, do que qualquer quintanista das nossas escolas de mathematica ou de medicina, cujas mães os deixaram sem a necessaria instrucção religiosa, como arvores a que todo e qualquer vento atira irremediavelmente ao chão.

Muito eruditos eram Voltaire e d'Alembert, e todavia nada sabiam ácerca das verdades, de que todo o catholico tem obrigação de ser iniciado. E a prova deram-na em todos os seus escriptos, porque nada disseram ácerca de religião, que não podesse ser refutado por qualquer pessoa, que posta a par d'elles, seria um verdadeiro *ignorante*.

«Bemdito sejaes, Pae, que escondestes estas coisas dos sabios e dos grandes, e as manifestastes aos pequenos e ignorantes, disse o Santissimo Martyr do Golgotha. E é assim. De nada valem altos estudos scientificos, grandes louvores academicos, importantes attestados universitarios a quem Deus não quiz que fossem seus eleitos, concedendo-lhe a graça especial de interpretarem as suas palavras.

D'aqui se póde ver a importancia que poderiam ter para os poderes publicos as representações d'esses rapazes, que, para se tornarem salientes, costumam sempre, em quanto frequentam as escolas, mostrarem-se adversos de tudo quanto existe e está constituido, quer essas entidades sejam o poder, quer sejam a religião.

Mas o protesto contra o ensino religioso não ficou só entre a mocidade academica. Estendeu-se mais alem. Foi tambem appresentado e discutido entre os nossos *livres pensadores*. E sabem a quem coube essa triste gloria? Talvez o não queiram accreditar. Foi aos protestantes... portuguezes.

Publica um diario portuense, que costuma andar em dia com estes assumptos hybridos, o respectivo protesto, que não publicamos na integra, por ser um documento muito extenso. Mas sentimos não o poder fazer, porque é um documento altamente curioso, pelos desconcertos e disparates, que n'elle se amontoam.

Ainda assim vamos tocar nos seus principaes pontos, e fazer a seu respeito uns brevissimos commentarios.

Começam por dizer os protestantes ...portuguezes que foram *dolorosamente sobresaltados* por uma representação feita pelo clero catholico, sobre a reforma da lei de instrucção secundaria; e então elles, chefes de familia, ao abrigo do Codigo fundamental da nação, protestam contra o pedido que reclama o ensino obrigatorio da religião, nos estabelecimentos publicos de instrucção secundaria.

Que havemos nós de dizer a isso? Que estão no seu pleno direito, não só de se *sobresaltarem dolorosamente* quantas vezes quizerem, mas até de fazerem os protestos que entenderem, e ácerca de todos os assumptos que julgarem convenientes.

Continuam os protestantes, no seu protesto, dizendo, que «a escola publica livre é uma das necessidades actuaes da familia portugueza.»

Que entenderão os protestantes por *escola publica livre?*

Vejamos o que dizem mais abaixo: «Na actual lei da instrucção secundaria a laicisação do ensino *nas escolas do estado*, é, em these, completa.» E infelizmente até em hypothese, se a lei, tal qual o Snr. Padre Antonio Candido a deseja, passar no parlamento, porque não só são dados como incompetentes os ecclesiasticos para o ensino, como

tambem se não decreta a creação da cadeira do ensino religioso.

Mas a instrucção primaria, que para o ponto em questão é a mais importante, essa ainda não está *laicisada*, porque não só são admittidos professores ecclesiasticos, como tambem faz parte da respectiva cadeira o ensino da doutrina catholica, embora, como os snrs. protestantes dizem, esse ensino seja só ministrado aos que professam a religião catholica.

E se a palavra *laicisação* se generalisar um pouco, vemos que pode uma cadeira ser regida por um leigo, e comtudo o ensino ser absolutamente catholico, á menos que se não determine cathegoricamente que fica prohibido fallar em Deus e na religião, dentro dos institutos secundarios.

Já n'um outro artigo provamos que, mesmo em lições de grammatica se podem ensinar as nossas verdades dogmaticas. Bastava explicar aos alumnos, porque razão se escrevia Deus com lettra maiuscula, no singular e minuscula no phural. E d'ahi se seguia, quer o professor quizesse, quer não, uma prelecção ácerca da grandeza de Deus. E o que se não poderia dizer, tratando-se da historia natural, da geographia, da geologia, da medicina, etc.? Que vastissimo campo ahi se não abria á discussão, para que o professor podesse fallar no poder, na bondade, na magestade, no amor de Deus?

E assignam nada menos do que cem, ou pouco mais de cem chefes de familia.

Que imponente protesto protestante!

A. Peixoto do Amaral.

BUSTELLO

Assim se denomina uma freguezia do concelho de Penafiel, e que demora a 3 kilometros ao noroeste d'esta cidade. Tem por orago o Archanjo S. Miguel. Pertence á diocese do Porto, d'onde dista 40 kilometros ao nordeste.

Mas que coisa de notavel tem a freguezia de S. Miguel de Bustello, para que eu me occupe em dar a seu respeito uma descripção particular?

Vou dizel-o; mas esperem um pouco. E antes d'isso cumpre-me notar que ha em Portugal mais tres freguezias com o mesmo nome.

Temos Santa Maria Magdalena de Bustello, no concelho de Chaves, e S. Mamede de Bustello, no concelho de Amarante; e uma e outra freguezia é da archidiocese de Braga. Temos finalmente S. João Baptista de Bustello, no concelho de Sinfães, diocese de Lamego.

Não é de nenhuma, d'estas povoações que vou fallar: é de S. Miguel de Bustello, de Penafiel, diocese do Porto.

Ora está entendido; mas agora queremos saber o que ha a notar de extraordinario e de importante n'essa povoação quasi inteiramente desconhecida de toda a gente.

Esperem mais um bocadinho, e retirem a phrase *povoação desconhecida*.

Porque o Bustello teve muito nome antigamente, quando alli floresceu em mosteiro de religiosos da Ordem de S. Bento, que foi muito favorecido pelos nossos reis D. Affonso III e D. Affonso IV.

Segundo consta da tradição e referem varios auctores, este convento foi fundado por Nuno Paes, filho de D. Foyão Suares (que fundou Penafiel), e que foi o progenitor dos marquezes de Minas, Arronches e Gouveias, e do famosissimo Ruy Dias de Bivar, cognominado o *Cid*. Teve principio pelos annos de 900.

A egreja do mosteiro de Bustello, que servia de egreja matriz da freguezia (e ainda hoje serve), está situada n'um logar elevado d'onde se gosa um bellissimo panorama: um delicioso valle, muitas terras que cercam o ameno rio Souza.

Quando ha annos visitei esta localidade, estava um dia esplendido, e por isso alli me demorei algum tempo. Era então parocho de Bustello, com o titulo de Reitor, o rev. Isidoro Antonio de Lacerda, que tinha sido frade benedictino no dito mosteiro. Antigamente chamava-se Vigario, e era sempre um religioso do convento, apresentado triennalmente pelo Abbade.

O parocho tinha um coadjutor, presbytero secular, nomeado annualmente.

O mosteiro de Bustello constituia um couto com jurisdicção civel, que se compunha da respectiva parochia e de parte das circumvisinhas, a saber: S. Pedro da Croca, Novellas e Meinedo. Tinha este couto, ao todo, 43 aldeias.

As freguezias de S. Pedro da Croca e de Santa Martha eram outr'ora obrigadas a ir assistir, nas quatro festas do anno, á missa principal da egreja de Bustello.

E os povos de Penafiel (chamava-se então Arrifana de Sousa) levavam todos os annos, na primeira oitava da Paschoa, os *folares* ao S. Bento.

Era donatario d'este couto o Dom Abbade do convento, que no dia 1 de janeiro elegia um juiz ordinario do civel e orphãos, com appellação ao mesmo Abbade que era Ouvidor.

Faziam-se aqui as audiencias, havendo para esse fim uma formosa casa. O juiz elegia o porteiro, e o povo elegia, a votos, o procurador, meirinho, quadrilheiro e um jurado. Estes prestavam juramento nas mãos do Abbade e eram confirmados pelo corregedor da comarca.

O Dom Abbade era obrigado a fazer duas correições cada anno, e, como coudel-mór, elegia um juiz para as montarias.

Tudo isto acabou, como é sabido, com a nova ordem de coisas que se estabeleceu em Portugal.

Já se vê, portanto, que a povoação de Bustello foi de muita consideração nos tempos antigos, quanto ao religioso e ao civil.

O mosteiro de S. Miguel de Bustello foi rico de virtudes e de bens temporaes, como diz um chronista.

D. Pedro da Costa, dignissimo Bispo do Porto, no primeiro quartel do seculo XVI, foi commendatario do mosteiro de Bustello e alli fez obras em que deixou de si grande memoria.

De passagem direi que, saindo do Porto e chegando ao Bustello no dia 17 de julho de 1832 as tropas liberaes, cheias de fome e de sede, não encontrando alli coisa alguma de comer, o seu commandante mandou lançar fogo ao convento.

Mas retirando-se logo para Penafiel com muita pressa, uns criados e alguns frades, que se haviam escondido proximo do mosteiro, presentindo o incendio, conseguiram apagal-o. E assim escapou aquella casa.

Em Penafiel, porém, com sanha vandalica os taes *libertadores* reduziram a cinzas o convento dos capuchos de Santo Antonio.

Vamos adeante.

Sim, senhor, com certeza está tudo dito sobre Bustello, e cremos que você nada tem a acrescentar.

Esperem ainda. Vamos agora á etymologia do nome que uns escrevem *Bustello*, e outros *Bostello*, e, fallando com franqueza, não sei qual é o melhor.

Pretendem uns que *Bustello* se deriva de *boa terra;* e na realidade o terreno é muito fertil. Querem outros que seja corrupção de *bona stella*, e dizem que se achou uma estrella aberta em pedra, nas ruinas do antigo edificio.

Finalmente dizem outros que *Bostello* significa pequeno bosque, tapada, territorio, sendo derivado como diminutivo de *boscus* ou *bostus* (bosque). E é esta opinião a que parece mais provavel.

Mas, deixando tudo isto que é de pouca importancia para a historia de Bustello, direi que esta freguezia se póde gloriar, em nossos dias, de ter dado o nascimento ao Ex.mo e Rev.mo Snr. Dr. Manuel Luiz Coelho da Silva, actual Vigario Capitular da diocese do Porto. Foi canonicamente eleito para esta dignidade a 24 de janeiro do corrente

anno, depois do fallecimento e exequias do Em.mo D. Americo Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto.

Ora este varão, sabio e piedoso, que, durante a vacatura da Sé, governa a diocese portucalense, honra a sua patria — S. Miguel de Bustello.

O Snr. Dr. Manuel Luiz Coelho da Silva nasceu n'esta freguezia, Logar do Ribeiro, na casa de Palhaes, a 26 de março de 1859. E' filho legitimo de Joaquim Coelho da Silva, fallecido, e de Anna Rita da Rocha, ainda viva, proprietarios da freguezia de Bustello.

Antes de passar adeante, lembra-me um caso que vem a proposito do que estou dizendo.

Anacharsis, famoso philosopho da Scythia, distinguiu-se em Athenas por seu saber, desinteresse, prudencia e costumes austeros.

Em certo dia um homem da Grecia exprobou-lhe o ser natural da Scythia, terra que não gosava de boa fama.

Respondeu Anacharsis:

«Eu bem sei que a minha patria não me dá muita honra, mas vós deshonraes a vossa.»

Resposta de um verdadeiro sabio. Porque as acções do homem é que honram o homem, e não o homem a patria. E assim a Scythia podia justamente ufanar-se com ter sido o berço do grande Anacharsis.

O mesmo se póde dizer de Bustello, patria do dignissimo Vigario Capitular do Porto, Dr. Manuel Luiz Coelho da Silva.

A todas as glorias e grandezas que pódem enaltecer a antiga povoação de Bustello, no concelho de Penafiel, deve accrescentar-se a de abrir alli os olhos á luz do mundo o homem que ao presente tem os destinos espirituaes da diocese do Porto, o homem cuja fronte deve ser cingida por uma mitra episcopal.

Vou concluir dizendo que elle celebrou a sua primeira missa no Bom Jesus do Monte, e a segunda na egreja de Santa Martha, proximo de Bustello.

E' parocho actual d'esta freguezia o rev. Antonio José de Campos, com o titulo de Reitor. Já era parocho quando Coelho da Silva se ordenou, e formou na Universidade de Coimbra.

Nada mais tenho a dizer de Bustello.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

Biblia

(Continuado de pag. 60)

MANASSÉS. Filho de José e de Arseneth.

Teve outro irmão chamado Ephraim.

MANCEBO. Tendo certo homem, cujo nome se ignora, novo, rico e observador da Lei do Sinay um dia perguntado a Christo o que devia fazer para se salvar, Jesus, — porque sabia o seu fraco, — lhe respondeu: «Vae, vende o que tens, dá o seu producto aos pobres, e segue-me.» E tendo-se o mancebo retirado muito triste, disse Jesus a seus discipulos: «E' mais facil entrar um camello pelo fundo d'uma agulha do que um rico no Reino dos Céos.» E perguntando-lhe S. Pedro, por todos, qual seria a sua recompensa, Christo lhes respondeu: Vós, os que me seguiste, quando o Filho do Homem, no dia da Regeneração, estiver sobre o Throno da sua gloria, estareis tambem sobre 12 Thronos d'onde julgareis as 12 tribus d'Israel. E todo aquelle, concluiu Jesus, que por amor de Mim deixar casa, pae ou mãe, mulher ou filhos, etc., etc., receberá cem por um e terá a vida eterna.»

MANDRAGORAS. Por umas poucas d'estas hervas que Ruben havia trazido do campo a sua mãe, consentiu Rachel um dia que Jacob, que n'aquelles dias lhe assistia mais,—ficasse aquella noite com Lia, pelo que, sahindo esta sobre a tarde ao encontro de Jacob, lhe disse risonha: «Tu ficarás esta noite commigo, porque eu te alluguei a Rachel pelas mandragoras de meu filho Ruben.» E Jacob ficou aquella noite com Lia, que ainda depois d'isto teve Issacar, Zabulon e Dina. *V. Sichem.*

MANE. Segundo a interpretação de Daniel dada a Balthazar filho do Evilmerodach, por elle ter bebido pelos vazos sagrados que seu avô havia trazido de Jerusalem, quer dizer: «Deus contou os dias do teu reinado a que poz termo.» *V. Phares e Thecel.*

MANNÁ. Era uma coisa semelhante á semente de coentro branco e d'um sabor identico ao de farinha com mel, que Jehovah, compadecido do seu povo, começou a fazer chover no deserto de Sin, cuja coisa lhe servia de pão, tendo por carne uma immensidade de codornizes, que igualmente lhe cahiam aos pés todos os dias.

MANUCAN. Conselheiro d'Assuero. Fez com que seu amo repudiasse a Rainha Vasthi por ella lhe ter desobedecido. *V. Assuero* e *Mardoqueu.*

MAQUIR. Principe que depois da morte de Jonathas, filho de Saul, foi encarregado de tractar do menino Miphibozeth, que só sahiu de sua casa quando David o mandou chamar por Syba. *V. Syba.*

MAR VERMELHO. Pouco depois dos filhos d'Israel terem sahido do Egypto, começou Pharaó e os grandes da sua côrte a pensar na falta que elles lhes faziam, e resolveram ir em seu alcance, o que, reunindo a toda a pressa as suas forças, fizeram, indo encontral-os junto ao Mar Vermelho; mas, com tanta infelicidade que, indo os israelitas guiados por Deus, Moysés lhes fez abrir as aguas do mar e passaram a pé enxuto, o que vendo os egypcios, quizeram imitar; porém, quando já iam passando, as aguas se uniram, perecendo quasi todo o exercito de Pharaó aos gritos de: «Fujamos dos israelitas, porque Deus pugna por elles!» *V. Paschoa.*

MARA. Amarga. E' o nome d'um sitio onde os filhos de Jacob, depois do Mar Vermelho, não puderam beber as aguas por amargas, mas Moysés lh'as tornou doces e agradaveis.

MARDOQUEU. Filho de Jair. Tendo seu irmão Abihail morrido muito novo e deixado uma filha menor, tomou Mardoqueu conta d'esta sua sobrinha tambem já orphã de mãe, ao que parece, e a adoptou por filha, sendo que o mesmo Mardoqueu, por causa da rara bellesa e acrysoladas virtudes de Esther, que assim se chamava a filha de Abihail, veio a ser o primeiro abaixo do Rei dos persas, e sua sobrinha a ser feita Rainha em logar de Vasthi. Esther ou Edysoa e Mardoqueu foram os salvadores da sua nação ou dos judeus, em todo o imperio de Assuero. *V. Esther.*

MARIA. Prophetiza filha d'Amram e de Jacobed. Acompanhou a seus irmãos Mozsés e Aarão na sahida do Egypto. *V. Passagem.*

MARIA MAGDALENA, Tendo um dia cahido arrependida aos pés de Christo, lh'os lavou com lagrimas, cobriu de perfumes e enxugou com seus cabellos, pelo que Jesus lhe disse:

«Vae-te em paz: a tua fé te salvou.» E' irmã de Martha e de Lasaro. *V. Lasaro.*

MARIA VIRGEM. E' Nossa Senhora Mãe de Christo Senhor Nosso, filha de S. Joaquim, irmão de Jacob pae de S. José seu esposo, e de Santa Anna. *V. Gabriel.*

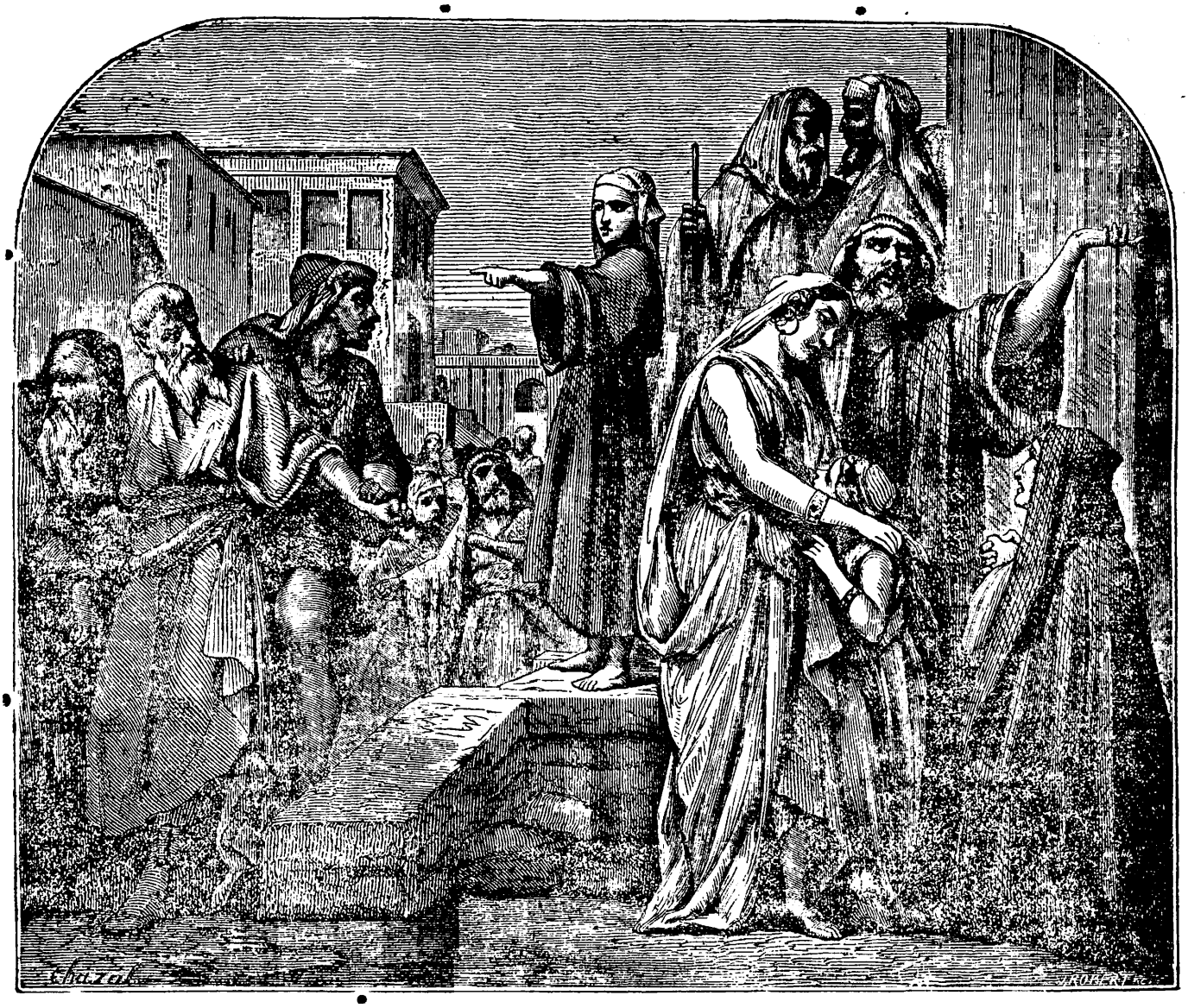
MARIMUTH. E' um dos principes encarregados da reedificação de Jerusalem. Os outros eram: Mozollam, Sadoc, Methias, Oziel, Hananias, Hatto, Reum, Hazub, Sellum, Hanun, Phaleel, etc., etc.

MARQUEZ D'ABRANTES. Não devia para aqui vir, mas vem porque é digno d'isso.

Ao contrario d'alguns *marquesitos*, gostava d'acompanhar o Sanctissimo a qualquer hora da noite ou do dia, encarregando-se de tocar a campainha.

MASSALOMETH. Mulher de Manassés Rei de Judá.

MATHANIAS. Filho de Miccas. Foi principe dos que louvavam a Deus em Jerusalem no tempo de Nehamias.



Daniel defendendo Suzanna

MATHATHIAS. Sacerdote do Senhor no tempo de Antioco Epiphanio a quem valorosamente resistiu com um pequeno exercito commandado por elle e por seus filhos, tendo chegado a bater-lhe as suas tropas e a destruir-lhe os seus altares. Seus filhos eram João, Eleazar, Simão, Jonathas, e Judas Macabeu. *V. Judas Macabeu.*

(*Continúa*). ALVES DA'LMEIDA

SECÇÃO LITTERARIA

O Christianismo não morre

Morre Christo na cruz. Com Elle morre
A obra da salvação?
Semente divinal, seu sangue corre
Da terra na amplidão,
Brota, brameja, eleva-se e se enflora,
Fructos sem fim produz:
Seculos quatro apoz, do occaso á aurora
Reina a lei de Jesus.

Banhado havia o celico estandarte
De sangue ingente mar:
Em vão! surgem christãos por toda a parte,
N'um progredir sem par;
Enchem villas, cidades, fortalezas,
E naves, e arraiaes,
E, apezar de tyrannicas ferezas,
Té os paços imperiaes!

Ah! De Diocleciano o vulto infando
Lá se ergue negro e atroz,
Contra o Christianismo, desatando
Perseguição feroz!
Arrasar ou cerrar os templos manda
Do verdadeiro Deus,
De ferros carregar, com mão nefanda,
Os sacerdotes seus;
Passar a fio de impiedosa espada
Faz cidades christãs,
Sem tenra flor da infancia ser poupada,
Nem da velhice as cãs!
Ricos premios promette á apostasia
O despota cruel,
Brutal martyrio a quem ser preferia
A' fé sua fiel.
Torturas infernaes, bastos horrores
O immenso imperio vê;
Padece a Egreja incomportaveis dôres,
Qual odiosa ré!

Crê-se a hora final do Christianismo
Já proxima a soar;
Bate palmas o torpe paganismo,
N'um doido gargalhar;
Horridos uivos o sombrio inferno
De gosto faz ouvir:
Que sobre o Nazareno triumpho eterno
Vae prestes conseguir...
Mas os anjos de Deus, no excelso assento,
Conclamam com prazer:
«Bemdito o Christo seja!... Eis o momento:
O Christo vae vencer!»
Pois quem contrastará do Ser divino
Verbo grave e veraz?
Nasce, e á dolente Egreja Constantino
Vae dar victoria e paz.

Mais tarde, investe a fé novo tyranno,
Philosopho impostor;
Mas do ardiloso apostata Juliano
Tem a obra mais valor?
De iniquas leis embalde alta montanha
Levanta contra o Céo;
Morrendo, clama inda com torva sanha:
«Venceste, Galileu!»

Um dia, turba athêa e dissoluta
A França dominou:
De Deus no altar, immunda prostituta
Fez sentar e adorou!

A norma de governo eleva o crime;
E'-lhe meio o terror:
Da *liberdade* em nome, calca, opprime
Com diabolico ardor;
Em nome da *egualdade*, divididos
Os velhos francos são:
Perseguidores crús, e perseguidos
Sem dó nem compaixão;
Em nome de fallar *fraternidade*,
E' mais sublime heroe
Quem mata com mais dura crueldade,
Com mais furia destroe.
Extincto o christão culto, e exterminados
Sacros ministros seus,
Colhe acaso triumphantes resultados
A guerra contra Deus?
Devoram-se uns aos outros seus fautores,
Ou teem misero fim;
E o Christianismo, apoz tantos horrores,
Resurge ovante alfim!

A fé christã não morre. A treva do erro
Um pouco a obumbrará;
Da tyrannia a cruenta mão de ferro
Um dia a abaterá;
Mas segura será sempre a victoria
Da obra de Jesus:
Que alimentam dos céos o fogo e a gloria
Rico phanal da cruz!

A. Moreira Bello.

Milicia Christã

2.ª PARTE

XXXIII

A irmãsinha dos pobres e a velhinha

Pobre velha desvalida,
Já da vida—nos extremos,
Sem ter vela, leme e remos;
Para poder navegar
Suspirava e sucumbia
Na media—do abandono,
Mormurando em todo tono,
Sem comer, nem descançar.

Levantava ao céo os olhos
Nos antolhos—da esperança,
Sem indicios de bonança
No horizonte descobrir;
Mas conhece uma visinha
A' irmãsinha—delicada,
Que dos velhos na jornada,
Quando pobres, gosta vir.

Gosta vir, e recolhel-os,
E disvelos—e agasalhos,
D'azedumes e de ralhos
Livres, dar-lhes a gosar:
E perder o seu descanço
No remanso—da virtude,
E dos velhos p'ra saude,
Pão e roupas mendigar,

E lhe disse da visinha,
Que velhinha—e solitaria
E' das pobres a palmaria
Mais pungente apparição:
E isto dicto a irmãsinha
Já caminha—saudosa,
Sorridente e caridosa
A offerecer-lhe o coração.

Entra alegre na cabana
Muito insana—da velhinha,
Quarto, sala e ruim cosinha
N'uma peça justo, e só:
Tudo pobre, em desalinho,
Como ninho—da pobreza,
Do abandono, da tristeza,
Que nos deve causar dó.

Entra alegre, essa irmãsinha,
E a velhinha—scisma, scisma,
E parece que se abisma
Em tão santa apparição;
Esqueceram penas, dôres,
E entre flores—pensa habita
A velhinha na visita,
Que lhe rouba o coração.

Porque meiga, caridosa,
Industriosa—com seu mimo,
Se introduz lá no imo
Do mais duro coração;
Seus sorrisos seus afagos
Formam lagos—de doçuras,
De prazeres, de venturas,
De delicias e espansão.

Diz a velha quem vos trouxe
Lindo broche—das caricias
A ventura das delicias
N'esta casa a desenhar?
Como póde a velha pobre
Esta nobre—visitinha,
Desditosa entrevadinha,
Nunca vir-vos apagar?

E responde carinhosa:
—Outra cousa—não pretendo,
Este vosso estado vendo,
Que podel-o remediar:
E vos peço instantemente,
Que indulgente—e confiada
Esta triste ruim morada
Vos resigneis a deixar.

Eu sou pobre, porém, vivo
N'um festivo—palacete,
De venturas ramalhete,
D'alegrias um festim:
E lá tenho mais velhinhas
Tão limpinhas—tão formosas
Como em Maio são as rosas
Mais ridentes d'um jardim.

A velhinha soluçava,
E a fitava—commovida,
Já sentindo nova vida,
Mais alento, mais calor:
Quando aquelles dedos bellos
Os cabellos—com carinho
Vão dispondo n'esse alinho
Dos afagos d'um amor.

E vae vendo que nem filha
Mais se humilha—mais se afana
Que esta dama cortesana
Por dispor-lhe o leito bem:
E por isso da velhinha,
Que ella alinha—já vontade
E o carinho, a caridade
Conquistado tudo tem.

E manda vir quem a leve
Muito breve—ao rico azilo,
E se passa tudo aquillo,
Que não posso descrever.
E lá ficou a velhinha
Prendinha—d'antiguidade
Onde gente da cidade
Vae o céo a merecer.

E tem leito e tem vestidos
Divertidos—os lavores,
Que lhe estorvem os horrores,
Que dos ocios podem vir:
E tem sempre essas filhinhas
Tão limpinhas—alimento
D'alma e corpo, com talento
E carinho a repartir.

Assim Jesus docifica
Pobre e rica—com a esmola,
Que entre mimos alli rola,
E, das dôres, faz jardim:
E quem a dá bem merece,
E na prece—esses pobrinhos
Lhe dão louvor e carinhos
E ambos lucram muito assim.

Dr. José Rodrigues Cosgaya.

SECÇÃO ILLUSTRADA

S. Leão, bispo

(Vid. pag. 65)

S. Leão, um prelado celebre da santa Egreja, nasceu em Ravenna; e, sem consultar o pae, dirigiu-se ao prelado d'aquella diocese, e pediu-lhe que o tomasse sob a sua protecção. O santo prelado assim o fez, ordenando-o depois sacerdote.

Consagrado ministro do Senhor, tamanho foi o seu zelo, que, tendo morrido o bispo de Catania, na Sicilia, o povo o abrigou a sentar-se na cadeira episcopal, bem contra a vontade de Leão, que era humilde entre os humildes.

Succedeu isto no anno 770.

Vivia n'esse tempo em Catania um mago chamado Diodoro ou Lindoro, que perturbava a cidade com os seus embustes, causando grandes prejuisos ás almas christãs.

Desejando o imperador Constantino pôr termo a tantos males, enviou um magistrado a Catania, com ordem de o prender. Mas por duas vezes Diodoro burlou as diligencias que se fizeram, conseguindo evadir-se.

Foi preciso que S. Leão se mettesse n'essa questão. E conseguiu plenamente, o que até ahi ninguem havia conseguido.

Primeiro acconselhou-o como pae, mas como elle se não emendasse, teve de empregar meios mais violentos. Um dia entrou Deodoro no templo, no momento em que o santo celebrava missa, e começou fazendo grandes disturbios, e maltratando os assistentes. O santo fez uma oração fervorosa, e dirigindo-se para o mago, deitou-lhe a estola ao pescoço, e por forma tal o prendeu, que o discolo não mais pôde sair.

E sempre preso pela santa estola, foi conduzido á fogueira, onde foi totalmente queimado, sem que a estola de S. Leão soffresse o menor damno.

Depois de fazer muitos prodigios e virtudes, entregou a alma ao Creador, no anno de 886, depois d'um pontificado de dezeseis annos.

*
* *

Daniel defendendo Suzanna

(Vid. pag. 71)

Conta a Escriptura que dois infames velhos de Babylonia, que todavia exerciam as funcções de juizes, conceberam uma vergonhosa paixão pela casta Suzanna, filha de Helcias, e esposa d'um homem rico, chamado Joaquim. Introduziram-se um dia no seu jardim, e foram dar com ella, só, banhando-se n'um lago. Ahi propozeram-lhe os seus desejos, e ameaçaram-n'a de que, se ella resistisse, a accusariam de adulterio, e a condemnariam.

Suzanna chorou, e disse:—«Estou mal por todos os lados. Mas, fazer o mal é para mim a morte; não o fazer é cahir nas vossas mãos. Mas antes isso, do que peccar na presença do meu Deus. Antes quero entregar-me innocente á vossa vingança.» E começou a gritar. Os velhos tambem gritaram. Corre gente. Elles accusam-n'a. e Suzanna é levada perante o seu tribunal. E esses infames não trepidaram em condemnal-a á morte.

Mas quando era conduzida ao supplicio, apparece o joven Daniel, detendo a multidão, que segundo a lei judaica tinha o direito de suspender a execução d'uma sentença de morte. Tornam a leval-a ao tribunal, e ahi Daniel, interrogando separadamente os dois velhos, surprehende as suas contradições e mentiras; são convictos de calumnia e condemnados á morte.

NECROLOGIO

FALLECIMENTOS

Falleceu n'esta cidade a mãe do Rev.mo Parocho de Miragaya, senhora virtuosa e dotada de preclaras virtudes.

Damos aos pesames ao illustrado sacerdote, e pedimos aos nossos leitores uma prece por alma da fallecida.

*
* *

Tambem falleceu no dia 2 corrente, em Guimarães, o Snr Jeronymo José Alves de Faria, nosso amigo e assignante d'este jornal. Damos sentidos pesames á sua viuva, e a seu filho o Snr. José Alves de Faria, e aos nossos leitores pedimos uma prece por alma do fallecido.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

— **Ceremonias da primeira communhão**—Com este titulo recebemos um opusculo de 67 paginas, escripto pelo Rev.mo Luiz Alberto Cid, abbade da freguezia de Villar de Paraizo.

E' um livro muito bem escripto, e que vem em occasião opportuna ao fim a que se propõe, porque vae-se aproximando o tempo da primeira communhão.

Foi auctorisado pelo Exc.mo e Rev.me Vigario Capitular da diocese, e redigido segundo as instrucções que fazem parte d'uma pastoral do fallecido bispo d'esta diocese, o Exc.mo e Rev.mo Snr. D. Jeronymo José da Costa Rebello.

—**A Voz de Santo Antonio**—Publicou-se o n.º 1, e o n.º 2, correspondentes aos mezes de Janeiro e Fevereiro d'este anno, d'esta mimosa publicação mensal, inquestionavelmente uma das melhores revistas religiosas que se publicam no nosso paiz.

Recommendando aos nossos leitores tam instructiva leitura, nada mais fazemos do que o nosso dever, porque acima de tudo nos presamos de ser justos.

—**El Eco Franciscano**—Recebemos o n.º 178 do Anno XV, correspondente ao mez de Março d'este anno. Vem illustrada com uma gravura representando a *Morte de S. José*. E' publicação abençoada por Sua Santidade, e muito bem redigida.

— **Catheclsmo de Perseverança**—Tambem recebemos o fasciculo n.º 36 (tomo quarto) d'esta doutissima publicação. Trata dos sacramentos da Ordem, e do matrimonio.

Continua a assignar-se em casa do editor, rua do Carmo, n.º 3. Depois de completa, augmenta o preço da obra.

Agradecemos os exemplares recebidos de todas estas obras.

RETROSPECTO

SUBSCRIPÇÃO

Para a erecção d'uma capella consagrada ao Santissimo Coração de Jesus no logar de S. Vicente, freguezia de S. Vicente de Lafões, concelho de Oliveira de Frades, bispado de Vizeu.

J. F. da Fonseca e familia..	800
José Joaquim Guimarães Pestana da Silva.....	500

—

Sua Santidade Leão XIII

No principio d'este mez publicaram os jornaes extensos telegrammas de Roma, noticiando que Sua Santidade fora forçado a fazer uma perigosa operação, mórmente n'aquella provecta edade, pois teve de lhe ser feita a ablação d'um kisto sanguineo, que já tinha o volume d'uma laranja.

Felizmente tudo correu maravilhosamente bem. Sua Santidade foi operado, sem chloroformisação, attenta a sua fraqueza, mas foi tam auxiliado da Providencia, que sendo mui dolorosa a operação, não deu o menor grito.

Hoje está completamente livre de perigo, podendo já levantar-se do leito, com o que muito tem a lucrar todo o orbe catholico, que ama deveras o seu venerando pastor, chefe visivel da santa Egreja de Jesus Christo.

—

O crime de Campanhã

O digno commissario geral de policia d'esta cidade, tendo visto annunciado em cartazes, que ia ser representado no Theatro da Trindade um drama intitulado «O crime de Campanhã,» mandou chamar o respectivo empresario, para saber de que se tractava.

Sabendo que effectivamente se tractava de uma especulação mercantil, apresentando a empreza um *embroglio*, a proposito d'esse drama lugubre, que alvoroçou a cidade, prohibiu terminantemente a representação, no que andou excellentemente bem, e multou a empreza em 5$000 reis, por collocar cartazes d'espectaculos, sem o visto da respectiva auctoridade policial.

Para estes abusos deve haver o maximo rigor.

Tambem devia ser prohibida essa versalhada que se costuma vender pelas ruas, cantando em verso de *pé quebrado*, scenas que realmente se não deram, e alterando outras que se deram, tudo para fazer jus aos dezreisinhos.

—

A Mãe segundo a vontade de Deus

D'um digno parocho da diocese de Coimbra acaba de receber o proprietario d'este jornal uma carta, de que extractamos os seguintes periodos:

«A obra saiu como eu esperava, um precioso livro e muito necessario aos tempos presentes. Desejo fazer propaganda d'este bellissimo livro, e queria por agora 10 exemplares... para serem distribuidos por conta da Associação do Coração de Jesus.

.....

«Desejo ao meu amigo todas as prosperidades, e lhe dou os parabens pelo muito que tem trabalhado a favor da Religião. Eu estou velho mas se aqui lhe poder prestar para alguma coisa, estou ao seu dispor...»

Por aqui se vê que ainda ha sacerdotes que sabem compenetrar-se do verdadeiro espirito da religião. Se todos os parochos, se todos os ecclesiasticos assim fizessem, com certeza não estariamos tam atrazados, porque a religião

seria mais respeitada, e o povo seria mais ditoso.

—

Muito bem

Transcrevemos do nosso illustrado collega o *Correio Nacional* a seguinte noticia:

«Ainda bem que a boa doutrina que condemna os duellos vae sendo seguida, mesmo por aquelles que se envolvem nelles. Sabemos que o snr. visconde da Ribeira Brava, que ha tempos tivera dois casos d'esta natureza em que tomara parte, uma vez como testemunha e outra como aggressor, pediu e teve já da auctoridade superior da Egreja a absolvição das censuras ecclesiasticas em que tinha incorrido.»

—

Hospede illustre

Foi a redacção do *Progresso Catholico* honrada com a visita do Exc.mo Snr. Tenente-coronel José Fernando de Souza, director do nosso excellente collega o *Correio Nacional* e distinctissimo e erudito escriptor catholico.

Ao intemerato campeão da santa causa agradecemos a sua amabilidade.

—

Procissões eucharisticas

Durante a quinzena finda sahiu processionalmente o Sacrado Viatico, para desobriga quaresmal, aos enfermos das freguezias de Cedofeita, Miragaya, Lordello do Ouro e Villa Nova de Gaya. De todas as janellas pendiam colgaduras, achando-se algumas ruas festivamente adornadas.

Em todas as citadas freguezias, saiu sem pompa, com o que lucraram os enfermos, pois receberam cedo o Pão Eucharistico, não carecendo de quebrar o jejum, como algumas vezes os mais fracos são obrigados a fazer.

—

Academia religiosa

Com o Maximo brilho e explendor celebrou a Associação Catholica, no domingo 5 do corrente, a sua annunciada Academia, solemnisando o 21.º anniversario da exaltação de Sua Santidade ao Solio pontificio.

Fallou o snr. conde de Samodães, presidente da Associação, o rev.mo Monsenhor Vianna, director espiritual dos seminarios e o exc.mo Tenente-coronel José Fernando de Souza, distinctissimo escriptor catholico, e director do *Correio Nacional*.

Todos foram eloquentes e muito applaudidos pela assembleia.

O exc.mo Fernando de Souza veio expressamente de Lisboa abrilhantar esta salemnidade. Recebeu, como brinde dos catholicos do Norte uma explendida escrevaninha de prata, que lhe foi offertada por uma commissão, presidida pelo exc.mo snr. Manoel Fructuoso da Fonseca, illustrado redactor do nosso collega *A Palavra*.

Na segunda-feira seguinte, em que lhe foi feita a offerta, que s. exc.a commovido agradeceu, partiu á noite, para a capital, sendo numeroso o concurso de pessoas que accorreu a despedir-se do illustrado escriptor.

—

Indulgencias notaveis

Aos catechistas catholicos lembramos as seguintes notaveis indulgencias que o Santo Padre Clemente XII concedeu por decreto de 27 de junho de 1735:

1.a—Sete annos e sete quarentenas —de cada vez—aos fieis que, tendo se confessado e commungado, assistirem ao ensino do catecismo.

2.a—Uma indulgencia plenaria a todos os que tenham o louvavel costume de assistir ao catecismo, indulgencia que pode ganhar-se nas festas da Natividade, Paschoa de Redempção e no dia de S. Pedro e S. Paulo, sob as condições ordinarias.

O Papa Paulo V tambem concedeu aos professores uma indulgencia de sete annos *por cada vez* que derem aos seus discipulos lição de catecismo aos domingos e dias sanctificados, e uma vez de cem dias *cada vez* que o façam na sua classe.

—

O martyrio d'um Sacerdote

O *Daily Mail* jornal londrino, publica um telegramma do seu correspondente em Shangai, dando pormenores ácerca do martyrio do Padre Victorino.

Era este virtuoso Sacerdote um missionario belga, que, havia annos, se achava propagando a religião catholica no districto de Dichang.

Quando no interior da China occorreram recentemente disturbios contra os europeus, os fanaticos chinezes apoderaram-se do Padre Victorino, tiveram-no preso algum tempo e depois resolveram martyrisal-o. Para isso prenderam-no a uma arvore, despojado de suas roupas, e fizeram-lhe soffrer horriveis e prolongados tormentos até que o decapitaram.

—

Falta de religião

Tem occupado ultimamente a attenção publica os artigos dos jornaes que se referem ao barbaro assassinato commettido em Benjoia, logar da freguezia de Campanhã, e de que foi victima Antonio Pinto da Silva, casado com Rosa Angelica, e assassino José Ferreira Alves d'Andrade, soldado de infanteria 18, que andava ha 18 mezes com licença registada.

Tanto o assassino, como a sua cumplice, que por maior desgraça, era a propria esposa do assassinado, confessaram o crime com o mais revoltante cynismo.

Eis os resultados da falta de educação religiosa no nosso povo.

Consagração ao Coração de Jesus

Eis a primeira consagração composta pela B. Margarida, e ultimamente enriquecida de indulgencias:

«Eu N. N. dou e consagro ao Sagrado Coração de N. S. Jesus Christo minha pessoa e minha vida e minhas acções, penas e soffrimentos, não querendo servir-me de parte alguma de meu sêr senão para honral-o, amal-o e glorifical-o.

E' esta a minha vontade irrevogavel —pertencer lhe e fazer tudo por seu amor, renunciando completamente ao que não fôr de seu agrado.

Eu vos tomo, pois, ó Sagrado Coração, por unico objecto de meu amor, protector de minha vida, segurança de minha salvação, remedio de minha fragilidade e inconstancia, reparador de todos os defeitos de minha vida e asylo certo na hora da morte.

Sêde, pois, ó Coração de bondade, minha justificação para com Deus vosso Pai, e afastai de mim os castigos de sua justa colera. O' Coração de amor, eu ponho em vós toda a minha confiança, pois tudo temo de minha fraqueza e malicia, mas tudo espero de vossa bondade.

Destrui em mim tudo o que vos possa desagradar ou resistir! Que o vosso puro amor se grave tanto em meu coração, que não possa jámais vos esquecer e nem de vós me saparar.

Eu vos supplico tambem, por vossa summa bondade, que o meu nome seja escripto em vós, pois eu quero fazer consistir toda minha felicidade e minha gloria em viver e morrer comvosco na qualidade de vossa escrava.

(300 dias de indulgencias, applicaveis ás almas do pulgatorio. — SS. Leão XIII).—1.º de Junho de 1897.

—

Desacato n'uma egreja

Com data de 25 de janeiro d'este anno, escreve-nos o nosso assignante o Snr. Paulo Antunes Marques que no dia 24 d'esse mez succedeu um facto altamente reprehensivel na egreja parochial de S. Paulo em Lisboa.

E senão vejam o seguinte: A's 6 horas da tarde do dia 24 de janeiro, tendo entrado na dita egreja o Sagrado Lausperenne em circulação annual, houve terço de bemditos por musica, *Tantum ergo*, e por ultimo ladainha de Nossa Senhora.

Findando tudo ás 7 horas, saiu, como de costume a maior parte do povo, que enchia por completo a egreja.

E poucos minutos depois, já um dos sachristãos tinha fechado a porta principal, ficando dentro do templo quasi metade do povo, e que se quiz, foi sahindo pela porta que dá communicação para a sachristia. Segundo o costume,

a veneração é até ás 9 horas da noite, ficando depois uma parte da cera da tribuna sempre accesa, e algumas pessoas velando e revesando-se durante a noite.

Pois n'aquella egreja nada d'isso se fez, pois que ás 8 horas toda a tribuna ficou ás escuras, ficando Jesus Christo, Senhor nosso velando por todos os sacrilegos e hereges, sem ter ao menos uma luz para o allumiar, pois que tudo ficou em trevas!

E' certo que ainda no templo havia tres lampadas, mas na capella do seu tabernaculo, e muito distantes do throno.

Ora isto custa a crer que se pratique, n'uma capital, e na presença de grande numero de pessoas, pois que todas ficaram indignadas com tam incrivel procedimento.

Sirva ao menos o nosso protesto, para que taes factos se não repitam.

—

Amigo á moderna

(*Continuado de pag. 22*)

IV

Quando o parocho chegou a casa, chamou seu sobrinho, o qual, depois de varios rodeios, decidiu-se afinal a fallar n'aquillo que este chamava o seu negocio, allegando que por se vêr em Paris acossado pelos credores, tinha resolvido ir á Lapaca pedir ao tio um bom emprestimo para pagar as dividas.

—Mas, filho, replicou o sacerdote dolorosamente surprehendido, como é que te veio ao pensamento que eu possa emprestar-te dinheiro? Não sabes que sou pobre?

Teu pai recebeu toda a herança, menos uma modesta casinha de que não me quiz desfazer por ter sido de minha mãe. Deves saber tambem que algum rendimento que me advem do cargo parochial, não o accumulo, mas vou distribuindo-o com os pobres.

Pedro passeava agitado de um para outro lado, roendo as unhas. Ah! nem se quer um só dos seus bellos sentimentos da infancia se tinha salvado do naufragio. Pallido, com os labios tremulos afinal parou diante de seu tio para dizer-lhe:

—De modo que então não quer darme o que preciso, eim?

—E poderei por ventura satisfaser-te, Pedro? gemeu o padre.

Houve um instante de silencio.

—Entretanto, accrescentou o padre é preciso salvar a honra do nosso nome... Venderei a casa de nossa mãe, e assim...

Quanto deves Pedro?

—Tio, mande a Paris o producto d'essa venda que eu por lá me arranjarei com os credores.

—Isso nunca! disse com severidade o parocho, tu gastarias esse dinheiro, sem pagar o que deves, e até serviria para fomentar tuas más paixões. Pedro, é tempo de mudares de caminho senão queres precipitar-te em um abysmo de males immensos. Teus sentimentos eram nobres e generosos...

Como é possivel que mudasses tanto!

Uma vez que o tio não póde fazer alguma cousa a meu favor, interrompeu Pedro, mudemos de assumpto.

Não me faltam amigos; elles não me abandonarão.

—Filho, exclamou dolorosamente o Padre, é ainda assim que me agradeces o sacrificio que vou fazer por ti?!

Indifferente ainda a este sentimento de dôr, expresso pelo sacerdote em tão discreta accusação, Pedro sahio da habitação de seu tio batendo a porta com força, e deixando-o profundamente commovido.

David Kohnstein esperava-o fóra.

—Então? perguntou-lhe, teu tio foi razoavel, não?

Em poucas palavras Pedro contou ao seu amigo tudo como se tinha passado.

—Uma vez que não pódes conseguir nada de teu tio, deixemol-o e vamos amanhã cedo para Monaco, onde meu pai me espera. Verás que ali com alguns francos recuperarás boa somma para pagares todas as dividas.

Partiram. O Padre Ségourous conseguiu de Pedro que lhe désse o nome de alguns credores. O sacerdote despediu-se de seu sobrinho com muito agrado; dizendo-lhe carinhosamente:

—Deus te restitua a fé de tua infancia. Sem fé o homem é como um navio sem leme no meio da tempestade. Continuarei sempre a querer-te bem, apesar da ferida que me abriste no coração. Peço-te que não contraias outras dividas, e que respeites a memoria de teu pai. Si elle vivesse, quanto soffreria!

Durante as primeiras horas de viagem Pedro sentiu o aguilhão do remorso pungir-lhe o coração. A lembrança e as palavras de seu venerando tio estavam sempre diante dos seus olhos; chegou até a entristecer-se por algum tempo, mas depois, tudo lhe passou. Quando chegou a Niza, já nem pensava mais no velho parocho, que n'aquella hora entrava no Cartorio de um tabellião para lavrar termo de hypotheca da casa onde lhe tinha morrido a mãe.

(*Continúa*).

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos dignos assignantes, que ainda não tenham pago o anno corrente, o obsequio de satisfazerem a importancia da sua assignatura, pois que está a terminar o praso que demos, para ter direito ao brinde, devendo n'esse caso pagar 900 réis. Os que não pagarem no praso marcado, e os que não quizerem o brinde, apenas pagam 800 réis.

Da primeira edição da *Mãe segundo a vontade de Deus,* (brinde que offerecemos aos assignantes) restam poucos exemplares, estando já no prélo a 2.ª edição. Não se descuidem, pois, os que desejem possuir o brinde.

*
* *

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador e proprietario do *Progresso Catholico,* José Fructuoso da Fonseca, Rua da Picaria n.º 74—Porto.

*
* *

São nossos correspondentes, por especial obsequio os Ex.mos Snrs.:

No Funchal—João José de Macedo, —Livraria Funchalense.

Angra do Heroismo—Antonio Pereira da Costa—Em frente á Sé.

O PROGRESSO CATHOLICO

(Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez)

O administrador,

José Fructuoso da Fonseca

72—Rua da Picaria—74

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente. Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1$100 reis—Estados da India, China e America, 1$280 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias reaes Portuguezas.

Bibliotheca Catholica de ANTONIO DOURADO—3, Rua do Carmo, 3—Obras publicadas: *Biblia Popular Illustrada*, Velho e Novo Testamento, broch., 3$000; *Anno Christão*, 5 vol. broch., 10$000; *Exercicios de Perfeição* e Virtudes Christãs, pelo rev. Affonso Rodrigues, 3 vol., 3$000; *Esplendores da Fé:* 1.º vol. 1$300; 2.º, 2$800; 3.º, 2$500; e 4.º, 2$200; *Methodo para formar a Infancia na Piedade*, 1 folheto, 50; *Testemunho da Fé*, por D. Maria de Castro Menezes, 300; *Tratado da verdadeira devoção á Santissima Virgem*, 200; *Vida de Santa Ignez*, virgem e martyr, 200; *A sciencia do Crucifixo*, em fórma de meditações, dividida em duas partes, pelo Padre Pedro Maria, da C. Jesus, 200: *O Joven Apologista da Religião*, Resposta ás objecções mais espalhadas, 200; *Novena de preparação para a festa do Sagrado Coração de Jesus*, encad., 200: *A Arte de Utilisar as Faltas*, segundo S. Francisco de Sales, 200; *Missões e Missionarios—As ordens religiosas e o problema colonial*, 200; *Cartilha da Bulla da Santa Cruzada*, 200; *O Livro de oiro do Padre Antonio Vieira*, broch., 500; encad., 700; *Novena do Espirito Santo*, pelo Padre Manuel Marinho, 1 vol. broch., 100; encad., 150; *Mez de Santa Izabel de Hungria*, traducção de M. Fonseca, 1 vol. broch., 100; encad., 160.

A' venda no escriptorio do editor catholico ANTONIO DOURADO, rua do Carmo n.º 3 —**Porto.**

OBRAS Á VENDA EM CASA DO EDITOR
JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA
72—Rua da Picaria, 74—PORTO

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

PELO

Padre AFFONSO MUZZARELLI

da COMPANHIA DE JESUS

COM

Piedosos e lindos colloquios com a SS. Virgem para todos os dias e tocantes exemplos extrahidos das obras de SANTO AFFONSO MARIA DE LIGORIO e de outros bons auctores

Com permissão do Em.mo e Rev.mo. Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto

QUARTA EDIÇÃO

Preço, cart. . . . . 160 reis
Broch. . . . . 100 »

CONDE DE SAMODÃES

O MEZ DE MAIO

Consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus

NOVO MANUAL

para os exercicios de devoção n'este mez com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello

Auctorisado e approvado pelo Em.mo Cardeal Bispo do Porto, que concede cem dias de Indulgencia por cada leitura da Meditação de um dia.

Preço, encadernado, 400 reis

Historia de S. Francisco de Sales, Pelo Marquez de Ségur; traduzida da 18.ª edição franceza, por M. Fonseca. 1 vol. broch., 600 reis.

Os Episodios Miraculosos de Lourdes, por Henrique Lasserre—Continuação e tomo segundo de Nossa Senhora de Lourdes—Obra prefaciada e vertida em portuguez por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães —1 vol. broch., 600 reis.

IV Livro da Imitação de Jesus Christo, Que alguns attribuem a Jersen, outros a Gerson, e outros a Thomaz de Kempis, vertidos em linguagem portugueza segundo uma traducção publicada em 1743, reimpressa em 1877, e agora revista, correcta e confrontada com a edição latina, por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—Com approvação do Em.mo Snr. Cardeal Bispo do Porto —1 vol. enc., illustrada com quatro gravuras de pagina, 250 reis.

As Chammas do Amor de Jesus, ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abbade D. Pinnard. Traducção pelo rev. Padre Silva, professor do Collegio de Cucujães e precedido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espiritual dos Seminarios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.mo Snr. Cardeal D. Americo Bispo do Porto; Em.mo e Rev.mo Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.mos Snrs. Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo-Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.º 2.ª edição 1 vol. encad., 600 reis.

O Apostolado da Imprensa, O Apostolado da educação, O Apostolado do Clero, Conferencias religiosas que nos domingos da Quaresma de 1882, 1883 e 1884 recitou na Sé Cathedral do Porto Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol. broch., 750 reis.

Bento José Labre, Tributo de respeito no seu primeiro centenario, por Francisco d'Azeredo Teixeira de Aguilar, conde de Samodães—Com approvação do Em.mo Snr. Cardeal, Bispo do Porto —1 vol. broch., 400 reis.

Cartas Encyclicas do Santo Padre Leão XIII aos Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos de todo o mundo catholico —2 vol., 1$000 reis.

Catecismo contra o Protestantismo, Composto pelo Cardeal Cuesta; Arcebispo de S. Thiago; approvado e recommendado pelo Em.mo Cardeal Bispo do Porto. Cada exemplar, 50 reis; 25 —1$000; 50—1$700; 100—2$800.

Forma de se ganhar com especialidade a singular Indulgencia da Porciuncula. Um folheto broch., 50 reis.

Horas de Piedade, ou orações selectas. Com approvação e recommendação de S. Em.ª o Snr. Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto—Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada—1 vol. enc., 250 reis.

Jesuitas e mais alguma cousa, Estudo pittoresco da Companhia dentro e fóra da *grainha*, escripto nas horas de bom humor, pelo seu auctor Antonio João Rodrigues da Silva Gandra, Doutor e ex-lente de philosophia, etc., etc., (2.ª edição)—1 vol. broch., 200 reis.

Jesus Vivo no Padre, Considerações sobre a excellencia e santidade do Sacerdocio, pelo rev. Padre Mille, da Companhia de Jesus. Versão da 3.ª edição franceza pelo rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação de todos os Prelados portuguezes—Um grosso vol. broch., 700; enc., 900 reis.